
A maternidade perversa e suas repercussões no aparelho psíquico da criança*

PAULA KERN MILAGRE**

RESUMO – Este artigo aborda a configuração da maternidade perversa e suas implicações na constituição do aparelho psíquico da criança. Busca-se compreender os desdobramentos possíveis de uma relação perversa no desenvolvimento infantil, tendo em vista que a qualidade do encontro mãe-filho é de extrema importância para a estruturação psíquica. Entende-se que o excesso prematuro da ordem do amor erotizado é desestruturante para o psiquismo, pois a criança não possui capacidade egóica suficiente para dar conta do que lhe invade.

PALAVRAS-CHAVE – Constituição psíquica. Maternidade perversa. Violência. Infância.

Perverse Motherhood and its repercussions in the child's psychic apparatus

ABSTRACT - This article discusses the configuration of perverse motherhood and its implications on the constitution of the child's psychic apparatus. Its aim is to understand the possible repercussions of a perverse relationship in child development, given that the quality of mother-child relationship is of utmost importance for the psychic structure. It is understood that a premature excess of eroticized love damages the psychic structure, because the child does not possess enough egoic capacity to handle what is invading it.

KEYWORDS - Psychic constitution. Motherhood. Perversion. Violence. Childhood.

Introdução

Este artigo aborda a configuração da maternidade perversa e suas implicações na constituição do aparelho psíquico da criança. Busca-se compreender os desdobramentos possíveis de uma relação perversa no desenvolvimento infantil, tendo em vista que a qualidade do encontro mãe-filho é de extrema importância para a estruturação psíquica. Entende-se que o excesso prematuro da ordem do amor erotizado é desestruturante para o psiquismo, pois a criança não possui capacidade egóica suficiente para dar conta do que lhe invade.

* Trabalho orientado pela psicóloga Ana Rita Taschetto.

** Psicóloga, aluna do 3º ano do Curso de Especialização em Psicoterapia da Infância e Adolescência do CEAPIA – Centro de Estudos, Atendimento e Psicoterapia da Infância e Adolescência.

O trabalho faz uma revisão teórica de ideias apresentadas por Sigmund Freud, Piera Aulagnier e Sándor Ferenczi, e também aborda a literatura científica de autores contemporâneos, especialmente de Estela Welldon, grande estudiosa quanto ao tema da perversão na maternidade. Integradas às considerações teóricas, são apresentadas breves vinhetas ilustrativas de crianças que vivem com suas mães histórias de violência e de sedução. Histórias que exigem elaboração por parte da criança e também do terapeuta, no seu exercício clínico. A escrita foi um dos instrumentos através do qual procura-se compreender um tema tão delicado e profundo, bem como metabolizar a angústia suscitada por estas tramas.

Trata-se de um assunto ainda pouco explorado na literatura científica atual, apesar de sua relevância. Encontram-se muitos estudos sobre a perversão sexual masculina, mas poucos sobre a feminina. Conforme Welldon (2008), conhecemos pouco sobre a sua manifestação em mulheres, pois não a esperamos, nem a procuramos. Além disso, porque valemo-nos de critérios clínicos rígidos que são mais bem aplicados à perversão masculina, ficando as especificidades diagnósticas presentes em casos de mulheres pouco esclarecidas.

Tendo isto em vista, torna-se fundamental compreender e tomar consciência das perversões femininas, para que situações semelhantes possam ser prevenidas através do atendimento às mães e seus filhos, ambos afetados pelo sofrimento.

A constituição do aparelho psíquico e a violência do excesso

O primeiro objeto erótico da criança é o seio da mãe, que a nutre. Inicialmente, as satisfações sexuais estão ligadas ao propósito de autoconservação, de modo que somente mais tarde irão se tornar independentes deste. Igualmente, será em um momento posterior que o seio será reconhecido como algo externo ao bebê, pois ele ainda não é distinto do próprio corpo, o que fará com que este primeiro objeto seja então completado na pessoa da mãe (Freud 1914/2004; 1940/1996).

A mãe – ou seu substituto – é a provedora das necessidades básicas do bebê, não apenas as de alimentação. É ela quem desperta múltiplas sensações físicas – agradáveis ou não – no filho, através dos cuidados corporais, o que, segundo Freud (1940/1996), torna-a seu primeiro sedutor. Desta forma, o trato da criança com a pessoa que a assiste é fonte contínua de estímulo e excitação sexual.

Além disso, à medida que a mãe manipula, acaricia e embala o bebê, seu toque vai delimitando e erogeneizando o corpo de seu filho, que, aos poucos, vai constituindo um ego corporal (Freud, 1923/2007). No princípio, a criança vive em relação à mãe experiências de caráter passivo, pois é alimentada, ves-

tida, limpada, acalentada e protegida (Freud, 1931/1996; 1940/1996). É importante ressaltar que a mãe contempla o filho segundo sentimentos derivados de sua própria vida sexual, tratando-o como um substituto de um objeto sexual (Freud, 1905/1996).

Freud (1905/1996) salienta que

a mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. Ela considera seu procedimento como um amor “puro”, assexual, já que evita cuidadosamente levar aos genitais da criança mais excitações do que as inevitáveis no cuidado com o corpo. (p.211).

Ele sublinha, no entanto, que ela iria preservar-se de auto-recriminações semelhantes se compreendesse que a pulsão sexual não é despertada somente através da excitação da zona genital e que as pulsões possuem uma importância ímpar na vida psíquica. Sendo assim, o que a mãe faz, na verdade, é ensinar o seu filho a amar e transformar-se em um ser humano capaz (Freud 1905/1996).

Entretanto, Freud (1905/1996) ressalta que uma ternura excessiva e desmedida pode levar ao adoecimento psíquico, pois é danosa, na medida em que acelera a maturidade sexual e impossibilita na criança tanto a renúncia temporária ao amor em épocas posteriores da vida, quanto o contentar-se com uma dose menor dele. Perturba, portanto, o curso do desenvolvimento, deixando consequências extensas e duradouras (Freud, 1931/1996).

Em uma linha de pensamento semelhante, Aulagnier (1979) descreve que todo encontro entre mãe-bebê possui um caráter violento, mas necessário para a constituição psíquica do indivíduo. Esta violência, denominada pela autora de *violência primária*, expressa o efeito de uma realidade que se impõe do exterior em direção ao bebê, como uma necessária intrusão humanizante, com a qual ele irá confrontar-se. Assim como Freud (1905/1996), ela entende que serão estes enunciados do discurso materno, que, por sua vez, contêm sua própria história infantil e sua repressão, seus desejos, anseios e tabus, que irão significar a criança como ser humano desejante.

No entanto, a mãe pode tornar-se perpetuadora de uma *violência secundária*, quando houver falhas na sua função de porta-voz dos desejos do bebê e, conseqüentemente, ela utilizar esta atribuição de forma abusiva, somente em seu próprio benefício. Sendo assim, abrindo seu caminho através da *violência primária* e apoiando-se nesta, tem lugar a *violência secundária*, a qual não é necessária para a constituição do sujeito. Ao contrário, em função do seu caráter excessivo, é desestruturante e prejudicial às possibilidades de constituição e de subjetivação do eu (Aulagnier, 1979).

Assim sendo, o encontro entre mãe-bebê pode adquirir caráter violento quando tem lugar um excesso que invade o aparelho psíquico (Freud; 1905/1996; Aulagnier, 1979). Neste contexto, entende-se que é importante pensarmos na atribuição de sentido que a mãe imprime nas vivências de cui-

dado com seu filho. Quais são as fantasias presentes na sua mente enquanto manipula-o? O que ocorre, por exemplo, quando o bebê procura ternura e encontra amor erotizado?

Como exemplo clínico, a mãe de uma criança trazida para atendimento por apresentar sintomas psicóticos refere que enfrentou dificuldades no manejo do filho quando este era bebê, pois se viu tomada de fantasias assustadoras. De acordo com a mesma, *“antes de engravidar, uma prima me disse que sentia tesão ao amamentar. Eu fiquei apavorada, com medo de sentir isso também. Amamenteei ele por dois dias, mas parei e comecei com a mamadeira. Sentia muita dor. Não tem nada a ver com o que a minha prima disse, porque eu não senti nada quando amamenteei esses dias”* (sic). A mesma mãe traz que *“quando ele era pequeno, teve fimose e o médico disse que a gente tinha que bater punheta nele, tu acredita? Eu nunca fiz, jamais eu ia fazer isso!”* (sic).

A partir desta vinheta, podemos pensar nas representações possíveis de uma mãe em relação à amamentação e à manipulação de seu bebê. No caso em questão, o sentido conferido pela mãe aos cuidados que despendia ao filho estava diretamente atravessado por fantasias eróticas amedrontadoras.

Aqui, cabe nos remontarmos a Ferenczi (1933/2011) que, como Freud e Aulagnier, teorizou sobre o encontro entre o adulto e a criança e descreveu o potencial fator traumático decorrente de uma *confusão de línguas* entre ambos. De acordo com o autor, na dissimetria entre o mundo adulto e infantil, há, de um lado, a linguagem da criança, que se situa em nível de ternura, e de outro, a linguagem do adulto, de uma natureza distinta, que é a da paixão. Neste contexto, pode ocorrer uma *confusão de línguas* entre o adulto e a criança, e, consequentemente uma sedução incestuosa, quando o adulto confunde a ternura infantil com amor sensual.

Toda criança possui fantasias lúdicas, como a de ocupar o lugar do progenitor do mesmo sexo ou desempenhar um papel maternal em direção ao adulto, mas sempre num nível de ternura e de imaginação. Adultos que possuem tendências psicopatológicas, todavia, confundem a linguagem terna infantil, com desejos de alguém que já atingiu maturação sexual, cometendo atos abusivos (Ferenczi, 1933/2011).

Como ilustração, a mãe de outro paciente mostrou-se preocupada após observar que seu filho estava tendo ereções. A criança dormia com ela na mesma cama até então. Ao justificar para o mesmo que ele deveria deitar-se em outra cama, *“eu não disse que era por isso (ereção), dizia que eu queria me espriar na cama, dormir de perna aberta, dormir pelada, sei lá”*. *“Ele é um homem do meu lado, não sei se isso é tara por mim, o que é”* (sic).

Na *confusão de línguas* entre esta mãe e seu filho, a excitação do menino é entendida como *“tara”* (sic) por ela. Igualmente, ele é visto como *“um homem do meu lado”* (sic) e não como uma criança, que ainda não adquiriu maturidade sexual, ficando a distinção entre a criança e o adulto comprometida. Além disso, ao falar na linguagem da paixão, a mãe não percebe que ao

justificar para o filho que está trocando-o de cama, pois quer “*dormir de perna aberta, pelada*” (sic), está na verdade estimulando-o e aumentando o seu nível confusional.

Refletindo sobre a maternidade perversa

Quando falamos do campo do excesso e da violência na relação mãe-bebê, múltiplos desdobramentos são possíveis. Então, como se configura, particularmente, uma relação perversa mãe-filho? Quais são as características que ela apresenta e como se constitui?

Welldon (1993), em seu instigante livro “Madre, virgem, puta”, afirma que a maternidade é um meio através do qual algumas mulheres exercem atitudes perversas em relação aos seus filhos e estabelecem com os mesmos um tipo de relação em que abusam do seu poder e controle sobre eles. A autora salienta que a maternidade confere às mulheres um papel de domínio sobre outro ser que deve submeter-se emocional e biologicamente às suas necessidades, mesmo se estas forem inapropriadas. Assim, ao tornarem-se mães, muitas delas podem considerar o filho sua única fonte para nutrirem-se emocionalmente, e, por conseguinte, acabam descarregando seu anseio de afeto físico no filho.

Em outras palavras, a capacidade de procriação das mulheres, ou seja, de engravidarem e abrigarem no seu corpo o bebê, proporciona características emocionais semelhantes às que operam de forma exagerada e distorcida nas relações objetais perversas, como desejos de absorver, invadir, desumanizar, controlar e fundir-se com o outro (Welldon, 1993).

Welldon (1993) explica que, ao contrário do que ocorre na perversão masculina, na qual os objetivos dos atos perversos dirigem-se a um objeto parcial externo, na perversão feminina, as mulheres o fazem em direção a elas mesmas: contra seus próprios corpos ou contra objetos de sua própria criação, a dizer, seus filhos. Suas atitudes perversas são direcionadas a objetos parciais de forma autodestrutiva, podendo as variadas zonas erógenas se converterem em centros de dor autoinflingida, através da qual extraem uma gratificação libidinal perversa.

Nestes casos, as mulheres convertem-se em fetiche para elas mesmas, de modo que seus corpos tornam-se fetichizados. Há uma profunda ruptura entre a sexualidade genital, como força vital amorosa, e aquilo que aparece como sexual. Assim, elas não se rendem à intimidade e se mantêm sempre com o controle das situações, estabelecendo relações com um homem que rechaçam e que consideram instrumental, o qual acaba assumindo um papel desvalorizado (Granoff e Perrier, 1980 apud Welldon, 1993).

Além disto, Welldon (1993) descreve que no âmbito da maternidade perversa, o nascimento, em especial, constitui um desafio para as mulheres, pois elas sentem uma grande necessidade em aferrarem-se ao corpo do bebê e pos-

suí-los para si. Ao sentirem o bebê vivo, separado e independente delas, depa-ram-se com um corpo empobrecido e sentem-se devastadas pela separação do ser que abrigaram no útero e que agora luta para conquistar seu espaço.

Igualmente, mães com tendências perversas fazem um uso de seus filhos como objetos parciais para manipular, cuidar, abusar, idealizar, destroçar e de-serdar, através de uma identificação simbiótica que despoja o bebê de toda vida. Elas identificam-no com o falo que elas não possuem, como se o filho fosse seu “brinquedo”, o que é análogo a relações de objetos parciais caracte-rísticas de perversos fetichistas. Deste modo, o bebê é experimentado como uma parte delas mesmas. Não lhe é permitido nem individuação, nem separa-ção e não é admitido que ele desfrute de independência (Welldon, 1993).

Em uma linha de pensamento semelhante, Geissmann e Geissmann (1991) afirmam que, através de manobras sedutoras, as mães tendem a prolongar um estado ao qual tem dificuldade de renunciar, havendo um conflito entre seu desejo de manter o filho no interior delas próprias e o desejo de libertá-lo de si e de permitir que exista fora delas. Em resultado, a criança convive com uma imagem materna ambígua que a faz viver feliz ao sentir-se amada, mas constantemente sob uma ameaça de morte. Vê-se em torno do conflito entre o desenvolver-se e atingir sua própria individualidade e o manter-se numa sim-biose infantil com um dos pais, com risco de investir nesta relação agressiva. A sedução materna, então, “é promessa de amor, encanto, mas também intru-são que provoca um pavor sexual na criança”. (p.87). Enfim, Whal (1960 apud Welldon, 1993) lembra-nos que o Complexo de Édipo engloba não somente um temor à castração, como também um medo inconsciente em direção a uma mãe que se oferece.

Somado a isto, são mães que, através de atitudes de sedução ou de cumpli-cidade em relação ao filho, criam um circuito fechado de trocas intensas com o mesmo, do qual o pai é excluído. Configuram uma intimidade espiritual ligada a uma promiscuidade corporal pouco comum, ao, por exemplo, levarem o filho para dormir com elas enquanto o pai dorme no sofá, ao despirem-se na frente da criança, ao lhe manifestar adoração, traduzidas por palavras ternas e carícias da ordem do excesso. Neste contexto, pois, o pai não consegue exercer a função de corte, não havendo a interdição necessária (Chasseguet-Smirgel, 1992).

A mãe do paciente anteriormente apresentado, que vinha tendo ereções, descreve que elas ocorriam, por exemplo, quando ele a via nua no banho (ela deixava a porta aberta e geralmente chamava-o por algum motivo qualquer) ou quando estava deitado ao seu lado na cama ou no sofá. Quando contava estes episódios, parecia entrar em cena a desmentida e ela expressava grande pra-zer, ao dizer não entender porque o filho havia ficado excitado.

Conforme Welldon (1993), a perversão na maternidade é produto tanto de uma instabilidade emocional da mãe, quanto de uma individuação imprópria. Além disso, ela ocorre através de uma ruptura de estados mentais internos, quando a mesma sente-se paralisada emocionalmente para dar conta das de-

mandas de seu bebê. Ao sentir-se impotente e não suficientemente ajudada pelos outros, a mãe recai em um comportamento inapropriado e perverso, como único poder ao seu alcance, através de uma autoridade emocional e física exclusiva com seu bebê.

Diante deste cenário, Welldon (1993) volta-se para uma compreensão dos fatores que contribuem para a constituição da maternidade perversa e ressalta que a mesma conta com um forte componente transgeracional, que abarca no mínimo três gerações. Assim sendo, para entendermos a mãe perversa, ela afirma que seria necessário conhecermos a sua mãe, e por vez, a mãe desta, pois este fenômeno seria resultado de uma série de abusos e abandonos infantis crônicos. Para a autora, a origem da perversão feminina estaria na existência de uma relação mãe-filha perturbada, de modo que ao exercerem, posteriormente, atitudes perversas em direção aos seus filhos, estas mulheres estariam, na verdade, vingando-se de suas próprias mães.

Geralmente, as mães perversas viveram sua própria infância com uma mãe punitiva e que acabaram por identificar-se com a mãe agressiva. Igualmente sentem que não lhes foi permitido serem elas mesmas, ou seja, desfrutar de uma individualidade e identidade própria. Crescem com a convicção interna de que não são um ser total e, sim, um objeto parte de suas mães, a qual também experimentou isto com sua mãe, quando pequena. Ainda, sentem-se não queridas e não desejadas ou, ao contrário, parte essencial indiferenciável da vida da mãe, sentindo-se sufocadas e sempre desprotegidas e inseguras, situação esta que cria grande vulnerabilidade e induz a um ódio intenso em quem a provocou: suas mães.

Dentro do entendimento de Welldon (1993), atacam uma mãe interiorizada nos seus corpos femininos, ou mesmo a descobrem ao tornarem-se, elas mesmas, mães. Identificam-se com a figura odiada, que reside no seu mundo interno ou no bebê, considerado uma extensão dela mesma, assim como as mulheres perversas foram uma extensão de suas próprias mães. É justamente por esse motivo que as perversões femininas caracterizam-se por automutilação e/ou abuso dos filhos. Convertem o seu trauma infantil em triunfo adulto, através de uma hostilidade cuja ação encobre uma fantasia de vingança.

Alguns desdobramentos possíveis na constituição do aparelho psíquico da criança

Tendo em vista o que foi discutido, questiona-se: diante da ternura excessiva (Freud, 1905/1996), da confusão de línguas (Ferenczi, 1933/2011), da violência secundária (Aulagnier, 1979) e/ou da maternidade perversa (Welldon, 1993), como irá se dar a constituição do aparelho psíquico de uma criança? Como é impresso no psiquismo do bebê um excesso que o invade, o qual ele ainda não tem capacidade de metabolizar?

De acordo com Ferenczi (1933/2011), se em algum momento da fase de ternura é imposta à criança um amor excessivo ou diferente do que ela deseja, assim como ocorreu com o paciente em questão, consequências patológicas ocorrerão, sendo o excesso tão danoso quanto à falta e a privação. Diante de um excesso prematuro advindo do adulto da ordem do amor passional, a criança sente-se frágil física e psicologicamente, sem defesa, por ainda não ter capacidade egóica suficiente para dar conta desta quantidade.

Em reação ao choque e à agressão, a criança identifica-se com o agressor para proteger-se do perigo e submete-se à sua vontade e aos seus desejos, esquecendo-se dela mesma. Ao introjetar o agressor, ele torna-se intrapsíquico e desaparece como realidade exterior, numa tentativa da criança de manter a situação prévia de ternura. Entretanto, ao introjetar ansiosamente o agressor, o sentimento de culpa advindo do adulto é também introjetado e a criança passa a sentir-se como merecedora de punição. Instala-se uma confusão na sua mente, a partir de tais agressões, pois ao mesmo tempo em que se sente inocente e vítima, sente-se culpada. Ainda, a confiança que tem na sua percepção é praticamente desfeita (Ferenczi, 1933/2011).

Como ilustração, um dos pacientes cuja mãe apresenta um funcionamento perverso refere que foi arranhado por ela durante uma discussão entre ambos: *“que nem gatos, a mãe gosta de arranhar”* (sic). Alguns dias depois, relata em sessão que havia sido arranhado por um gato, e não mais pela mãe. Na presença de familiares, quando ficava bravo começava a miar como um gato e a mostrar suas unhas.

Podemos pensar que a experiência de agressão vivida por este menino em relação a sua mãe quando ela o arranhou foi traumática e intolerável para seu psiquismo. Diante do choque da violência, ele muda a versão dos fatos: não foi mais a mãe quem o arranhou, mas sim, um gato. Entendo que no momento em que ele imita o gato, ele identifica-se com a mãe e com sua agressão. Personifica-a, assumindo seus atributos e imitando sua agressão, assim passando de um papel passivo para um ativo. Torna-se de ameaçado a ameaçador, como forma de assimilar a experiência traumática.

Adentrando mais especificamente no âmbito da maternidade perversa, Welldon (1993) refere que as implicações na criança são inúmeras, pois diante de um instinto maternal perverso, ela cresce sobre uma base psicosssexual debilitada. Conforme Rosen (1953 apud Welldon, 1993), a perversão do instinto maternal pode ser encontrada na etiologia da esquizofrenia, sendo parte do material obtido com pacientes psicóticos. Greenacre (1968 apud Welldon, 1993), por sua vez, coloca que atitudes maternas perversas podem contribuir para o desenvolvimento de tendências perversas na criança, uma vez que ela interfere no progresso do processo de separação-individuação. Como resultado disto, cria-se uma indiferenciação em relação ao “eu” e o “outro”, pois as relações são oscilantes e as fronteiras borradas. Por fim, diante desta situação, haveria uma distorção e deterioro nas relações objetais e, por conseguinte, uma

retenção maior da agressão primária e um aumento da agressão secundária por frustração, o que posteriormente, transformar-se-á em sadismo, como reação à agressão por parte da mãe.

Em concordância, Chasseguet-Smirgel (1992) também destaca que atitudes maternas perversas se mostram presentes na etiologia das perversões, sendo frequente, nestes casos, a presença de uma atitude sedutora da mãe em relação ao filho, considerado seu “cúmplice” e par ideal com seu pênis. De acordo com a autora, é como se a mãe conduzisse o filho ao engano, fazendo-o crer que com sua sexualidade infantil é o par adequado dela e que, portanto, não há motivos para invejar o pai. Assim, a identificação com o mesmo fica prejudicada e o ideal de ego fica ligado a um modelo pré-genital e não investido no pai genital. Enfim, a sexualidade pré-genital, com as suas zonas erógenas e objetos parciais, é submetida ao processo de idealização, o que promove uma completude narcísica.

Diante do pavor, Ferenczi (1933/2011) também descreve que há uma clivagem da personalidade, uma regressão a uma beatitude pré-traumática, em busca de tornar o choque inexistente. Se os choques são sucessivos no desenvolvimento, a tendência é de que o número de fragmentos clivados aumente, assim como a distância entre eles. Instala-se, então, uma confusão, pois os pedaços dispersos comportam-se como personalidades distintas que não tomam conhecimento umas às outras. Em consequência, a vida sexual da criança também se desenvolve de forma distorcida.

O mesmo paciente anteriormente citado, por exemplo, descreve sua constante sensação de perda de controle: *“sinto uma raiva muito grande dentro de mim, quero aprender a controlar ela. To tentando, mas não consigo. É como se tivesse outra pessoa dentro de mim”* (sic). Esta criança vinha colocando-se em situações em que era agredido pelos colegas, que *“batem, batem, batem em mim e eu não sinto nada. Sinto que o meu corpo tá sempre pronto”* (sic). Em uma das brigas em que se envolveu, referiu que *“era como se o corpo não fosse meu. Fico só olhando o corpo se mexer. Eu pensava em não bater, mas meu corpo batia. É como se tivesse uma barreira que impedia que eu fosse pra onde eu queria ir, que era em outra direção. Nem parecia eu, mudou a minha voz, mudou tudo! Foi minha raiva, não eu. E eu não senti nada”* (sic).

A partir dos recortes acima expostos, é possível perceber o grau de sofrimento e de confusão instalados neste menino. É igualmente observável o destaque que o corpo ganhava na expressão de sua conflitiva. Por que haveria tamanha dissociação entre corpo e mente e por que ele tentaria anestesiá-lo?

Creio que diante de um excesso de estímulo advindo da relação com a sua mãe, cria-se um corpo de resistência nesta criança, sendo o anestesiamento uma defesa frente à invasão materna. Ao sentir-se alienado, invadido e absorvido como uma parte da mãe, com sua impossibilidade de diferenciar-se do filho e de criar em relação a ele uma barreira, ele passa a relacionar-se com um corpo fragmentado, sem contorno e unidade, do qual não consegue apropriar-se.

Neste contexto, Goidanich (2003) refere que é possível que um anestesiamento semelhante seja compreendido “como um enclausuramento, um ensi-
mesmamento profundo, ou como uma entrega total, uma desistência de seguir lutando contra a invasão absoluta do outro” (p.71). Para ela, haveria uma relação com o próprio corpo marcada pelo estranhamento, sendo “o corpo quase como uma carcaça da qual pudessem prescindir” (p.67).

Comentários Finais

O objetivo deste trabalho foi abordar a configuração da maternidade perversa e suas repercussões na estruturação psíquica da criança, tema ainda pouco abordado na literatura científica contemporânea e que merece maior espaço de discussão no nosso âmbito. Conhecer as diferentes manifestações da perversão masculina e feminina é importante para podermos avaliar e conduzir melhor os casos que atendemos, inclusive para fins de prevenção de condições abusivas.

A presente revisão aponta que a qualidade dos encontros iniciais mãe-bebê é de extrema importância no desenvolvimento e que as representações que constituem e estruturam todo indivíduo correlacionam-se com o sentido atribuído pelos adultos aos gestos da criança. Em outras palavras, o olhar daquele com quem se interage (que é atravessado pela sua história) possui função estruturante no aparelho psíquico do bebê.

Na interação com seus cuidadores, algumas crianças se deparam com situações de caráter violento, seja pela falta e descontinuidade excessiva nos cuidados ou pelo excesso de proximidade, sem respeito aos limites do outro. Segundo Gutfreind (2010), estes são dois extremos de uma mesma moeda, que levam ao adoecimento psíquico, por impossibilidade de sua metabolização.

A maternidade perversa, mais especificamente, perturba o curso do desenvolvimento infantil e a subjetivação do indivíduo, sendo um dos fatores etiológicos da esquizofrenia e da perversão. Através de breves vinhetas clínicas, pudemos acompanhar histórias de mães e filhos aprisionados a uma relação marcada pela violência e pela sedução.

Ternura excessiva (Freud, 1905/1996), confusão de línguas (Ferenczi, 1933/2011), violência secundária (Aulagnier, 1979) e/ou maternidade perversa (Welldon, 1993): todos possuem potencial traumático. Contudo, o prejudicial não é somente o fato danoso em si, mas a impossibilidade de dar sentido à experiência vivida, o que remonta para a necessidade de que o indivíduo possa expressar-se através de uma narrativa, que permita à elaboração de seus conflitos (Gutfreind, 2010).

Penso que o espaço terapêutico configure-se como um cenário privilegiado, onde os sofrimentos poderão ser acolhidos, digeridos, mentalizados, representados e pensados. Enfim, onde novos olhares e encontros estruturantes tornem-se possíveis para nossos pacientes.

Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1992). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: Ferenczi, S. *Psicanálise* (vol. IV, pp.111-121). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (James Strachey Ed.), *Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol.VII, pp.119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. (L.A Hanns, trad, vol.1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2007). O Eu e o id. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L.A Hanns, trad, vol.3, pp.13-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). Sexualidade Feminina. (James Strachey Ed.), *Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol.XXI, pp.231-251). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1996). Um exemplo de trabalho psicanalítico. (James Strachey Ed.), *Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol.XXIII, pp.195-205). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940).
- Geismann, C & Geismann, P (1991). *A criança e sua psicose*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Goidanich, M. (2003). Configurações do corpo nas psicoses [Online]. *Psicologia & Sociedade*. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a05v15n2.pdf>. [2013, 28 de outubro].
- Gutfreind, C. (2010). *Narrar, ser mãe, ser pai & outros ensaios sobre parentalidade*. Rio de Janeiro: Difel.
- Welldon, E. (1993). *Madre, virgen, puta: idealización y denigración de la maternidad*. Madrid: Siglo XXI de España.
- Welldon, E. (2008). O mito da maternidade glorificada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42 (4), 113-123.